

Submetimentos contemporâneos em práticas de cuidado e controle corporal

Viviane Castro Camozzato¹

Resumo

O artigo analisa uma série de publicações feitas em comunidades do *Orkut* que, tal como em outros espaços da esfera social, proporcionam múltiplas aprendizagens aos sujeitos no que diz respeito aos seus corpos e às suas vidas. A partir de autores como Foucault, Ortega e Bauman, salienta-se que as imagens e os escritos publicados na referida rede social proporcionam aos sujeitos uma espécie de “volta para si”, a fim de se modificarem para alcançar determinados objetivos, (quase que) invariavelmente referentes à busca de emagrecimento e perfeição corporal.

Palavras-chave: corpo; sujeito; Orkut; práticas de si.

Contemporary submission to practices of care and body control

Abstract

This paper analyses a set of publications in Orkut providing many pieces of learning for subjects' body and life. Drawing on Foucault, Ortega and Bauman, we emphasise that images and texts published in the referred social networking site provide for subjects a kind of ‘turning back to themselves’ to change themselves and achieve particular goals, (almost) invariably concerning slimming and getting into shape.

Keywords: body; subject; Orkut; practices of self.

INTRODUÇÃO

No artigo *Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo*, Ortega (2002) procura diferenciar as práticas de bio-ascese contemporâneas, entendidas como práticas de assujeitamento e disciplinamento, das práticas ascéticas da Antiguidade, como práticas de

¹ É licenciada em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com período de estágio doutoral na Universidade de Lisboa (com bolsa do CNPq). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), onde atua no curso de Licenciatura em Pedagogia, na Unidade de Bagé/RS. E-mail: vipoa2002@gmail.com

liberdade, e entendidas como “o conjunto mais ou menos coordenado de exercícios disponíveis, recomendados, e até mesmo obrigatórios, ou pelo menos utilizáveis pelos indivíduos em um sistema moral, filosófico e religioso, a fim de atingirem um objetivo espiritual definido” (FOUCAULT, 2004, p.505). Nesse sentido, o autor entende “por ‘objetivo espiritual’ uma certa mutação, uma certa transfiguração deles mesmos enquanto sujeitos, enquanto sujeitos de ação e enquanto sujeitos de conhecimentos verdadeiros” (ibidem). Podemos ver, aí, práticas que têm objetivos diferenciados e que, portanto, produzem modos de subjetivação diferenciados também.

Enquanto na ascese da Antiguidade as *práticas de si* tinham por função produzir singularidade, sujeitos resistentes às representações exteriores, constituindo-se como sujeitos éticos, podemos observar, no entanto, que as novas práticas de bio-ascese contemporâneas expressam o desejo de uniformização, adequação a esquemas e lógicas compostas, modos de existência em que aparece como prioridade a saúde e a perfeição corporal (ORTEGA, 2002). Como o referido autor afirma: “A idéia de uma ascese exclusivamente corporal, as bio-asceses contemporâneas, é completamente estranha para o pensamento antigo” (p.145).

Ora, se compreendemos que as práticas de bio-ascese – assim como outras práticas – têm de ser vistas como irrupções datadas e situadas no interior de formações discursivas – o que possibilita que certas coisas sejam ditas e consideradas como verdadeiras num contexto específico – então compreender as transmutações nas sociabilidades contemporâneas é imprescindível. A dinâmica social atualiza-se e novas formas de sociabilidade são experimentadas. Nesse sentido, o que Ortega (2006) profere como biosociabilidade são as “novas formas de sociabilidade surgidas a partir da interação do capital com as biotecnologias e a medicina” (p.42-43). O que a move são interesses privados, pois não se assemelham a aglomerações tradicionais, tais como as relacionadas à raça, orientação política, classe, estamento. Logo, o que transversaliza a esfera social são sociabilidades marcadas “segundo critérios de saúde, performances corporais, doenças específicas, longevidade etc.” (idem, p.43).

A biosociabilidade dá vazão, desse modo, a agrupamentos diferenciados, que se articulam em torno de temas que põem a dimensão corporal em primeira escala. É nesse escopo que comunidades do *Orkut* têm sido lugares privilegiados para a discussão de práticas que produzem e alimentam essa lógica. Nesse ciberespaço – assim como em muitos outros –

tende-se a salientar as preocupações que seus participantes e mantenedores manifestam sobre questões corporais. Expressam, em suma, uma apreensão com a aparência, com o olhar que os outros põem sobre si em vez das preocupações que envolviam os gregos, de inquietação frente ao seu ser. Poderíamos, aqui, fazer uma contraposição entre a dietética para os gregos – entendida como um “regime geral de existência do corpo e da alma”, como “uma das formas capitais do cuidado de si” (FOUCAULT, 2004, p.74) – e os infinitos cuidados com o corpo de agora, em que trocamos, ao que parece, um cuidado de si como forma de relacionar-se e inquietar-se consigo para preocupações sobre ações individuais que giram em torno de como obter um corpo fisicamente melhor, como adiar a velhice e prolongar a juventude, etc. Afinal, “Força, rigidez, juventude, longevidade, saúde, beleza são os novos critérios que avaliam o valor da pessoa e condicionam suas ações” (ORTEGA, 2002, p.157).

Os termos biossociabilidade e bioidentidade – a qual aponta a preponderância da dimensão corporal em nossa constituição identitária – são decorrentes de transformações que apontam para uma maior centralidade de características biológicas para ‘definir’ os sujeitos. Biossociabilidade está conectada, além disso, a modificações relacionadas aos laços sociais, pois se trata de ressignificações operadas sobre tais laços que podem ser relacionadas à comunidade. Como uma forma de relação social, a comunidade invoca relações travadas entre diferentes sujeitos. Interessante pensarmos em muitas das comunidades do *orkut*, nesse sentido, como comunidades estéticas, pois visam à uniformidade e adequação, girando em torno de temas atualizados, constantemente, pela biossociabilidade, tais como beleza, saúde, juventude, aparência, etc. Comunidade estética é uma analogia que Bauman (2003) faz à Kant, referindo que “como a beleza, [a identidade] não tem outro fundamento que não o acordo amplamente compartilhado, explícito ou tácito, expresso numa aprovação consensual do juízo ou em conduta uniforme” (p.62). Comunidades que servem à produção de identidades, uma vez que as relações estabelecidas atuam nos modos pelos quais cada sujeito dá sentido a si e aos outros.

As comunidades estéticas estariam implicadas em aglomerações com laços efêmeros e superficiais entre seus membros, desobrigados de responsabilidades éticas e compromissos de longo prazo. Assim: “Quaisquer que sejam os laços estabelecidos na explosiva e breve vida da comunidade estética, eles não vinculam verdadeiramente: eles são literalmente ‘vínculos sem conseqüências’” (BAUMAN, 2003, p.67). Desse modo, podemos

discorrer que comunidades *online* tendem a intensificar essa volatilidade com que são compostas e esquecidas, pois a facilidade de estar conectado ou não a elas aumenta conforme a sua fluidez. Isso se reflete no constante trânsito com que membros de comunidades do *Orkut* entram e saem de comunidades, vindo e indo à procura de variados interesses (ou mesmo na vida curta de *blogs*, os quais deixam de ser atualizados e, muitas vezes, rompem a rede de relações estabelecidas).

O autor ainda refere que a busca de muitos sujeitos é por uma comunidade ética, a qual se distancia (e muito) de comunidades estéticas, pois a primeira seria composta de compartilhamento fraterno e segurança a seus membros. São, portanto, dois conceitos distintos de comunidade: uma marcadamente acentuada por padrões da biossociabilidade e, por isso, visa a relações mais transitórias, permeada de aspectos materiais e corpóreos; a outra envolve a questão da responsabilização pelo bem comum, pelo outro. Assim, as referidas comunidades envolvem modos de convívios diferenciados, pois os elos que os unem visam a objetivos que destoam.

Compreender tal dinâmica é importante na problematização dos submetimentos corporais que nos atravessam no tempo presente, principalmente frente ao crescente aumento de comunidades sobre dietas, contagem de calorias, pró-anorexia e bulimia, etc., que podemos constatar. Além disso, é inegável o quanto o debate midiático atua como um fecundo produtor destas mesmas práticas. A partir de uma perspectiva teórica diferenciada da que adoto, Weinberg e Cordás (2006) referem, a partir de uma historiografia sobre o conceito de anorexia nervosa, que o aumento de diagnósticos da referida doença atualmente seja consequência da maior informação sobre tal enfermidade, pois muitos pacientes desenvolvem a desordem após terem algum tipo de informação a respeito. Assim, “Depoimentos de jovens que fazem restrição e/ou purgação, revistas que divulgam dietas e fazem apologia do ‘corpo perfeito’, páginas na Internet que promovem o transtorno, associando-o a um ‘estilo de vida’” (p.102), entre tantos outros lugares, “poderiam ser apontados, então, como agentes provocativos ou disparadores, responsáveis, de certa forma, pelo aumento da incidência e precocidade no aparecimento do transtorno” (ibidem). Creio, todavia, que tais artefatos, construídos através de certas *ordens do discurso*, não sejam simples “agentes provocativos ou disparadores” da anorexia nervosa (como se fosse a manifestação de uma ‘tendência predominantemente

genética’), mas agentes importantes na produção de tal transtorno em mulheres², principalmente, porque se trata “de modos de existência que [. . .] não apenas ‘refletem’ o que ocorre na sociedade [ou em seus genes], mas se constituem eles mesmos como modos de vida produzidos no espaço específico da TV e da mídia de um modo geral.” (FISCHER, 2001, p.18-19). Cabe salientar, nesse sentido, o papel do que foi referido como “informação” e que, penso, poderia ser mais bem nomeado como uma maior publicização de tais problemáticas na mídia, uma vez que tornar tais temas públicos – porque expostos à mídia – implica operar modificações na esfera social em função de tais exposições, as quais têm um papel fundamental nos modos de existência produzidos num tempo no qual as tecnologias de informação e comunicação adquirem uma centralidade ímpar em nossas vidas cotidianas.

Precisamente, com o crescente aumento de confissões na *web* sobre anorexia, por exemplo, o que vemos é uma identificação cada vez maior com tal transtorno alimentar, decorrente de estratégias que atrelam cada sujeito a aspirações de perfeição corporal e emagrecimento, em consonância com a ojeriza à gordura. Como a *orkuteira* Acid – 29 nov. 2006 – mesma relata, no tópico *desabafo!* (*por favor, espero respostas!*) da comunidade *No Food*³, analisada neste estudo: *comecei a me identificar com as comunidades anna⁴ e fui parando, parando, parando de comer.. remedios inibidores, caminhadas.. enfim, consegui! hoje to com 52,2 kg (1.65), tao falando que to doente, mas eu to feliz e isso que importa! mas ja nao consigo parar de fazer dieta por medo de engordar, sabe? e ainda quero chegar nos 45kg!*⁵ Logo, a visibilização desse tema não gera, por conseqüência, uma redução de tal mal – o que poderia de fato ocorrer através de uma multiplicidade de estratégias diferenciadas e articuladas –, posto que a visibilização de si e dos outros – nesse caso outros a que essas mulheres aspiram se aproximar, enquanto outros próximos – sugere um crescente controle e vigilância sobre si.

² Embora articule as discussões enfatizando, em alguns pontos, aspectos relacionados às mulheres, é necessário salientar que os direcionamentos em relação aos homens não são algo nem um pouco desprezível.

³ Comunidade composta por 2.817 membros em 15 maio 2007.

⁴ Anna e/ou Ana é um apelido posto ao termo anorexia, comumente utilizado por mulheres que se identificam com tal transtorno alimentar.

⁵ Nesse excerto, assim como em todos os que constam neste artigo, a escrita está sem nenhum tipo de correção ortográfica de minha parte, para manter uma possível fidelidade às possíveis inscrições relativas ao gênero, geração, etc., bem como para preservar as linguagens internauticas utilizadas. Mantenho, inclusive, os espaços duplos. Outrossim, os nomes e expressões gráficas utilizados referem-se aos que os internautas se identificavam naquele momento.

Dentro dessas questões também é proeminente o quanto através das tecnologias de informação e comunicação vemos o advento de novos dispositivos de visibilidade, os quais produzem efeitos nas relações dos sujeitos. Entre esses efeitos, a centralidade com que as criações de identidades têm sido incitadas a ser construídas em relação ao olhar do outro. Exposição essa de projeções que mostram uma maior ênfase em subjetividades exteriorizadas em detrimento a subjetividades aferidas pela interiorização (SIBILIA, 2004). Subjetividades produzidas através da exteriorização de si e das demais, as quais têm em seu cerne a crescente predominância do mercado das aparências. Afinal: “Cada vez mais, a subjetividade parece se ancorar na **exterioridade** da pele, nos sinais visíveis emitidos por um corpo que rivaliza constantemente pela captação dos olhares alheios em um mundo saturado de estímulos visuais.” (idem, p.70, grifo da autora.).

Bruno (2004) refere-se a alguns deslocamentos em relação às subjetividades. Uma questão diz respeito ao fato de a vigilância não querer transformar tanto a interioridade dos sujeitos, mas o seu comportamento, suas ações externas, o que acaba por impedir a ação – impedir a ação de comer, por exemplo, como na comunidade *No Food*. A autora também salienta que “o ato de vigilância não se dá sobre um indivíduo já constituído; ele projeta, antecipa um indivíduo e uma identidade potencial” (p.117). Assim, vigiar para que práticas sejam modificadas e/ou para que novas sejam produzidas, em prol de subjetividades igualmente novas. Quando mulheres projetam imagens de modelos do mundo da moda a que gostariam de se assemelhar e, para tal, passam a exercer um controle rigoroso sobre suas práticas, sobre si, vigiando-se, aspiram a aquisição de uma identidade em potencial. A autora menciona, ainda, a exposição ao olhar do outro, que se dá através de *webcams*, *blogs*, *Orkut* e outros dispositivos pelos quais se pode praticar a criação de identidades. Vemos uma intimidade em exibição em busca de reconhecimento, num contexto em que o que vale é se mostrar, estar exposto, visível, em pauta, o que garante sentido à existência de muitas pessoas atualmente.

É dentro da lógica de estar ‘visível’ ao olhar do outro, como forma de celebração de si mesmo, que mulheres vêm em modelos profissionais imagens de si para oferecer aos olhares alheios, garantindo, assim, visibilidade no espaço público. Em decorrência disto é comum a recorrência com que mulheres acionam imagens de celebridades e modelos para compor seus perfis no *Orkut* (principalmente as integrantes de comunidades estéticas), uma vez que assim demonstram tanto a identificação com tais imagens quanto o desejo de alcançar aqueles níveis de suposta perfeição corporal. Se o invólucro

corporal que ostentamos parece atestar ‘quem nós somos’, então almejar assemelhar-se a celebridades faz parte da produção de identidades, tendo em vista que elas servem de norma para um número considerável de mulheres, incluindo aquelas que investem maciçamente sobre si mesmas em prol de modificações corporais.

A partir disso podemos pensar no quanto vigilância e espetáculo se irmanam na atualidade. Isso porque ao se exporem no ciberespaço – tornando-se espetáculo – os internautas geram uma vigilância proporcional, o que tenho visto nas comunidades que vão se armando para se ajudarem mutuamente, se regularem para emagrecerem. O inverso também parece ocorrer, que é a busca por uma auto-regulação e vigilância levarem-nos a participar de comunidades do *orkut* (e de *blogs*), almejando que isso os ajude em seus objetivos em prol da conquista de perfeições corporais. Vivemos, em suma, numa sociedade que tem em ambos aspectos – espetáculo e vigilância – parte de sua força motriz.

Isso envolve a incessante busca por perfeição corporal, como pode ser melhor evidenciado a seguir:

Tópico: Aconteceu de novo....

Aninha 23/11/2006 16:37 Aconteceu de novo.... Ontem fiz NF⁶ e hj, mais uma vez comi compulsivamente! Mas bastou ligar a televisão para a consciencia voltar...No super pop⁷ de hoje modelos lindas e magras estão fznd campanha contra a ANA e a MIA..Fácil para elas q tem um corpo perfeito! Senti nojo de mim, do que fiz comigo hj, me enchendo de porcarias,comi feito uma porca!sai correndo para o banheiro na tentativa de tirar de mim todas as porcarias.Vomitei, vomitei,vomitei....mas o nojo ainda não passou! Olho para mim vejo o qnt estou gorda e penso nas top models, perfeitas..tenho que alcançar aquela perfeição!

Ao reiterar que *Olho para mim vejo o qnt estou gorda e penso nas top models, perfeitas..tenho que alcançar aquela perfeição!*, a internauta Aninha está nos mostrando o quanto faz uso de julgamentos e comparações, enquanto estratégias. E se a produção de si se dá em relação à produção dos outros, as estratégias servem tanto para as voltas sobre si que cada sujeito realiza, a fim de alcançar determinados normas, quanto para demarcar e posicionar o outro – tanto o próximo ou distante. Desse modo, a necessidade do outro para a

⁶ Referência à expressão da língua inglesa *No Food*, que na língua portuguesa endereça à ideia de ‘ficar sem comer’.

⁷ Programa televisivo da Rede TV, apresentado por Luciana Gimenez.

produção de si efetiva-se quando ela nos diz que olha para si, se vê ‘gorda’ e pensa nas *top models* – ou seja, se compara a elas e adota aquela imagem corporal, aquele ideal de beleza como verdadeiro e capaz de satisfazê-la, de torná-la feliz, pois aí se encontram embutidos uma série de requisitos e ideais para se viver plenamente.

A *orkuteira* Aninha salienta que foi através da veiculação de um programa televisivo que a ‘consciência’ dela voltou, dando-se conta do quanto tinha comido mal e exageradamente, optando por vomitar devido a sentir nojo do que havia ingerido. Isso assinala que, quando a tevê se propõe a exibir um programa que contenha um texto mais questionador, permite, como aponta Veiga-Neto (2003), “muitas leituras diferentes”, pois “não há uma grande leitura, uma melhor ou mais completa leitura de um texto” (p.74). Ellsworth (2001), analisando modos de endereçamento em filmes, salienta que os espectadores não são, nunca, quem os filmes imaginam que eles são, bem como os filmes não são, também, o que os espectadores pensam que eles sejam. Tal assertiva cabe, por sua vez, às programações televisivas (bem como às demais pedagogias culturais⁸), uma vez que no excerto citado anteriormente, por exemplo, a telespectadora e internauta Aninha demonstrou o quanto o ensinamento do programa de TV *Super Pop* sobre os males da anorexia e bulimia não foi aprendido do modo como, talvez, o programa desejasse. Há algo entre tal ensinamento e os processos que ocasionam certa aprendizagem. Nesse sentido, os modos de endereçamento atuam de forma díspar, possibilitando que os efeitos desejados de tal programação, nesse caso, possam não ser plenamente realizados, tendo em vista que: “Não existe nenhum ajuste exato entre endereço e resposta, o que nos faz concluir que não há como garantir a resposta a um determinado modo de endereçamento.” (idem, p.42).

Ora, perturbar, estranhar o que nos é familiar não é algo que, numa relação de causa-efeito, seja efetivado. Portanto, há subjetividades díspares em frente à tela da tevê, impossibilitando que um evento tenha efeitos replicados incessantemente nos sujeitos-espectadores. Do mesmo modo, a repetição de tais ensinamentos pode produzir efeitos cada vez mais satisfatórios, se o desejo for problematizar transtornos alimentares ou, ainda, quando há o incitamento a tais transtornos, tanto por intermédio do motejo a figuras ‘gordas’ quanto pela

⁸ Entendidas como instâncias ou instituições “que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores, tais como o cinema, a televisão, as revistas, os museus etc” (SILVA, 2000, p.89).

valorização de padrões corporais que impelem mais pessoas às restrições alimentares hipocalóricas – o que se torna uma das condições de possibilidade para a produção de doenças como a anorexia e bulimia nervosas. O que reverbera, por conseguinte, é a evidência de uma rede articulada de interpelações para produzir sujeitos ‘magros’. Logo, uma ação ou ações apartadas – como a relatada no excerto anterior, do programa televisivo – não farão grande diferença se forem ações desconectadas, isoladas, pois a esfera social continua a replicar, de modo geral, o quanto a beleza está para a magreza e que a felicidade advém dela também.

Os agulhões para a busca de uma perfeição corporal idealizada existem, e produzem efeitos como os seguintes:

Tópico: Aconteceu de novo....

Lise 16/11/2006 14:57 Eu acho que cada deve fazer o que bem entender e pronto. Estamos aqui para aprender e viver. De que adianta viver se vivemos infelizes? Bah.. prefiro morrer. A minha infelicidade é ser gorda, sim é fútil mas foda-se. Não acho nada de errado em querer ser magra e bonita. Prefiro morrer tentando do que nunca ter tentado.

(18/11/2006 16:04 é simples...minha felicidade está na MAGREZA e ponto. Nada nem ng vai mudar essa minha "opinião" ,ate gostaria de pensar de outra forma,mas...rsrs , cada um cuidando de sua vida q é melhor !!Acho q somos bem grandinhas p sabermos o q estamos fazendo..já tentei sair dessa uma vez ,e o resultado foi terrível ,portanto...não vejo lógica em ser "gorda" e fingir q é feliz!

A felicidade parece conjugar-se com o verbo emagrecer para muitos sujeitos de nosso tempo. A *orkuteira* de *nickname* Lise salienta que prefere morrer tentando a nunca ter tentado emagrecer. Logo, aqui temos escritas que põem sobejamente a aparência corporal como valor supremo, diminuindo possíveis buscas em prol da saúde, longevidade, etc. Vemos um extremo em que é o “corpo pelo corpo”, uma aparência corporal condizente e em conformidade com os parâmetros idealizados na esfera social, no “dispositivo da magreza” (MARTINS, 2006). Assim, a magreza está para a felicidade do mesmo modo que a gordura está para a infelicidade.

Importante reiterar o quanto somos assujeitadas por padrões de beleza, juventude e, assim, de corpo “ideal”. Plásticas, próteses, dietas, musculação, etc., são palavras que fazem parte do repertório de um número incalculável de mulheres. Exacerbação de um controle continuado sobre tais sujeitos, uma vez que tal controle não incide somente sobre a ‘materialidade corporal’, mas

sobre a própria produção e transformação de subjetividades que, pautadas por tais ações normativas, se avaliam e se julgam tendo como dados comparativos padrões de beleza que desejam alcançar. Tais padrões mostram-se como algo possível e realizável se alguns passos de autogerenciamento forem seguidos, tais como: dietas alimentares – principalmente as que envolvem controle na ingestão de calorias; atividades e exercícios físicos contínuos; relatos escritos dos seus dias, rememorando-os (o que ocorre muito através de escritas em *blogs* e comunidades do *Orkut*); comparações estabelecidas consigo – através das fotos do ‘antes’ e do ‘depois’, e com outras pessoas, dentre elas, personalidades famosas; cálculos de IMC⁹ e pesagens constantes; amparar-se na miríade de produtos disponíveis para melhorar a aparência física; estar disponível a tortuosas intervenções cirúrgicas, entre outros. E, acima de tudo, reconhecer-se como alguém que necessita de tais intervenções e estratégias.

Nesse sentido Ortega (2002, p.165) refere que “na atualidade os apelos ao autocontrole e à disciplina visam exclusivamente o controle do corpo. [. . .] O corpo torna-se o lugar da moral, é seu fundamento último e matriz da identidade pessoal.” As práticas de cuidado e controle corporal são, portanto, práticas que investem na normalidade, sendo, portanto, práticas de normalização. Percebe-se que o crescente investimento em tais práticas – as quais produzem (com resistências que não tornam prontamente efetivados tais estratégias) corpos normalizados – acirra os crescentes julgamentos morais a partir de imagens corporais que ‘destoam’ dos padrões socialmente legitimados. Desse modo, “com a crise da 'vida interior' e o deslocamento da identificação subjetiva para a exterioridade e para a visibilidade, hoje o caráter se torna externo. Cada um passa a *ser* aquilo que *mostra* de si.” (SIBILIA, 2004, p.73, grifos da autora).

Vemos assim a centralidade de um tipo de moral que se aciona com a centralidade da aparência para os sujeitos contemporâneos. Cada vez mais parecemos ser aquilo que aparentamos. Então, estar ‘gorda’, por exemplo, demonstraria uma negligência de si, uma falta de vontade, de autocontrole sobre si, sobre a própria vida. Poderíamos chamá-los, desse modo, de *estultos* contemporâneos – conceito formulado por Foucault (2004), inspirado em Sêneca e outros filósofos estoicos –, ou seja, dentro dos ditames da beleza, juventude e saúde atuais, os *estultos* são aqueles que parecem não cuidar de si,

⁹ Índice de massa corporal (IMC) é uma medida internacional utilizada para o cálculo da obesidade.

o que significa, na atualidade, não conseguir atingir e manter os ideais de perfeição corporal e saúde. O sujeito “que não se vigia nem se controla faz parte dos novos desviantes, novos estultos, inábeis de cuidar de si. Constroem-se assim as bio-identidades dos indivíduos responsáveis e ao mesmo tempo dos desviantes por oposição e reprovação.” (ORTEGA, 2002, p.157). É assim que “Aquele que não procura uma existência livre de riscos torna-se um novo desviante, caracterizado como um indivíduo [. . .] que fornece maus exemplos, eleva os custos do sistema de saúde, e como consequência, não cumpre com seus deveres de cidadão autônomo e responsável (ibidem).

Dentro disso, é proeminente as relações estabelecidas entre mulheres e beleza. O excerto a seguir nos mostra o quanto ser ‘magra’ é algo sonhado, almejado, cobiçado:

Tópico: sonho de ser magra

barbie 27/11/2006 18:55 Emagrecer pra mim significa mto ...nem sei cm eh ser magra , pra mim significa poder vestir as roupas da moda , naum ter vergonha de mim e de meu corpo , naum me privar mais de sair p/ me divertir , ateh msm sentir receio de brigar c/ uma pessoa e essa pessoa te ofender na frente de td mundo te chamando de gorda e outros apelidos que jah sei de cor dez da infância , significa ser livre .Acho q tbn significa mto pq os homens vao poder me olhar cm uma mulher e naum cm uma mulher c/ uma doença contagiosa , os homens agem cm se eu fosse um vegetal nem chegam perto de mim ...ateh as mulheres tem um pouko de preconceito , parecem q estão sempre kerendo mostrar o qto são melhores do q eu e q podem mto mais doq eu na minha frente ...isso qdo falam comigo pq na boa mta gente tem preconceito Pra mim emagrecer significa mto mais q aparência superficial significa poder ter coragem p/ encarar o mundo em busca da minha felicidade !!!

Ser magra possibilita à internauta Barbie – com um *nickname* bem esclarecedor quanto aos seus desejos corporais e identitários – se livrar de constrangimentos, pois parece que o que de mais vexatório é possível de ser possuído é uma imagem corporal sem sintonia com a atmosfera cultural do momento. É não ser identificada como participando da cultura global que incita à beleza, magreza e juventude. Ela parece querer fazer parte de algo (e, ao mesmo tempo, desvincular-se do ‘algo’ de que faz parte nesse momento): estar em sintonia com a moda – adequando-se aos seus padrões; não ter vergonha de si mesma por estar ‘gorda’ e, portanto, visível, exposta às ofensas que advêm dessa ‘condição’; poder se locomover livremente, sem medos de ser apontada pelos outros nos espaços públicos; ser alvo em potencial das

aproximações masculinas, que devido à sua gordura a tratam com uma perturbadora indiferença e até mesmo desprezo; não sofrer com o desdém feminino, nem com as comparações advindas. Mostrar o quanto a capacidade de viver intensa e livremente é obstruída por sua dimensão corporal e o quanto ‘ser magra’ poderia possibilitar livrar-se de tantas amarras que prendem a um corpo socialmente desvalorizado. Uma idéia de liberdade que, paradoxalmente, a prende à normatividade quando a questão é a imagem corporal. ‘Liberdade’ para adequar-se e, assim, poder escolher livremente suas roupas, não ter mais vergonha de si mesma, poder sair para se divertir (não se privando mais de coisas desse tipo), não ser mais alvo em potencial de gozações e humilhações, sentir-se desejada, admirada, enfim, incluída no rol dos ‘afortunados’, dos que não vêem a sua vida passar diante de si mesmo, mas que vão com ela, adentram os caminhos da ‘felicidade’, porque são ‘iguais’, ‘normais’. Como Barbie refere: *emagrecer significa mto mais q aparência superficial significa poder ter coragem p/ encarar o mundo em busca da minha felicidade.*

Cabe salientar que não se trata nem da idéia de liberdade como revolução, nem de uma liberdade realizável por intermédio de pequenas revoltas diárias, como possibilidade de sermos-de-outro-modo-daquilo-que-estamos-sendo, ou seja, nos tornarmos outra coisa daquilo que a cultura nos convoca a ser. O que vemos, como um contraponto, é a afirmação de um tipo de liberdade associada à condição de realizar escolhas que acreditamos ser, insuspeitavelmente, nossas. Dentro dessas questões, cabe destacar que são ‘escolhas’ que gravitam sobejamente em torno da excessiva valorização de práticas de controle corporal, as quais são, como assinala Ortega (2006), individualistas e apolíticas práticas de bio-ascese. Apolíticas no sentido de que o encharcamento da esfera pública por questões privadas não nos mobiliza a lutas que teriam efeitos a todos, mas faz adentrar no espaço público questões que são de preocupações ditas individuais. Se decorre desse processo um esvaziamento do espaço público – que é espaço político –, a despolitização é latente: *Sabe Kra esse lance d querer ajudar os outros é furada, é perca d tempo, infelizmente ã do conta d cuidar de mha vida direito e por isso tb ã fico querendo dar conselinhos aos outros*¹⁰. Cabe salientar que as comunidades estéticas analisadas são apolíticas, de modo geral, no sentido de que “Falta nelas a preocupação com o outro e com o bem comum.” (idem, p.48). Se as

¹⁰ Extraído da comunidade do *orkut No Food* – analisada neste estudo –, no tópico *Anoréxicas não atraem, muito pelo contrário.*

preocupações atuais versam sobrejamente sobre o corpo, onde foi parar a preocupação com o mundo, que é a base mesma da política? Como argumenta uma *orkuteira*, na comunidade *No Food*, no tópico *Nossa gente... dizem que essa moça morreu*:

Anônimo 16/11/2006 05:29 [. . .] meninas sempre venho buscar apoio em comunidades como essa pra ter forças... a gente se ajuda a conseguir seguir em frente, pra alcançar o nosso objetivo... tbm temos q nos ajudar a ter a consciencia de q tem uma hra q precisamos parar! bem essa é a minha opnião... eu pensei mto na minha mae quando vi essa historia da modelo que morreu... pensem nas pessoas q vcs amam tbm... *as vezes somos mto egoistas e só pensamos na gente mesmo...* (Grifos meus).

Um egoísmo porque as preocupações em torno de chegar a um ideal construído de perfeição corporal contribuem para que esse seja o foco central da vida de muitas pessoas, o que certifica a tese de Ortega (2006) de que as utopias sociais vêm sendo substituídas pelas utopias corporais. Buscas de realização de um ideal corporal, tornando o outro inexistente nesse centramento a si, afinal: “Buscamos no corpo uma confirmação e uma verdade sobre nós mesmos que a sociedade não nos oferece. As marcas corporais localizam no corpo os critérios de avaliação subjetiva, o que é certo e errado” (p. 54). Vivemos, assim, num ambiente de incerteza e desconfiança ininterruptas, alçando às marcas corporais a possibilidade de cercear alguma realidade e constância possível. Constrói-se, desse modo, “uma ficção de liberdade e autonomia pessoal.” (ibidem).

Desse modo, os atuais cuidados corporais de agora tendem a ser pensados como o ápice da liberdade individual, pois nunca como antes foi tão possível planejar e construir o corpo que coloniza os nossos sonhos. Essa condição cultural possibilita que a cada dia surjam mais pessoas que, à procura de médicos para a realização de cirurgias plásticas, tragam consigo imagens de celebridades com que querem se assemelhar; seja no nariz, lábio, seios, nádegas, etc. Um mercado que põe ao nosso dispor – conforme as possibilidades financeiras de nele adentrar – uma ‘liberdade’ de gerir o próprio corpo, inflá-lo e planejá-lo em detalhes. Um tipo de liberdade que se mostra como uma constante adequação às normas vigentes. Para adequar-se, então, é imprescindível uma busca que nunca cessa, intensificando o controle. Tal liberdade é inflada pelo desejo de ‘inclusão’ – fazer parte de um grupo, estar corporalmente em sintonia com inúmeros ditames. Bauman (2003) salienta, nesse sentido, sobre a necessidade sentida pelos sujeitos de pertencer a alguma comunidade, como uma busca de sentir-se confortável e de, apesar de prezar a

sua autonomia individual, não sentir-se sós. A busca por manter relações com algum outro seria, então, uma das motivações para a busca da formação de comunidade. Formação, produção, fabricação, pois comunidade não é algo que se dê tranqüilamente, não é algo ‘natural’, pois é fruto de construção constante, de negociações entre os pares. A comunidade dos ‘sonhos’ seria composta pelos Mesmos, ou seja, por sujeitos que seriam semelhantes – atingindo o seu desejo de ‘inclusão’ (ainda que temporariamente!).

Dentre as práticas de si que produzem sujeitos sujeitados a discursos corporais, de beleza e juventude, as interligações dos sujeitos ao controle – que nas voltas sobre si que realizam transforma-se em autocontrole – é o mais invocado. Autocontrole na hora de comer (ou não comer), para a realização de exercícios e atividades físicas, para as constantes medições e comparações, etc., pois, para alcançar os ideais corporais almejados, o ajustamento a tais práticas normativas é condição fundamental. As participantes das comunidades do *orkut* sobre tais temas são sujeitos de discursos que as expõem e delineiam como alvos privilegiados de uma série de práticas que, submetendo-as a um constante escrutínio de si mesmas, as controla:

Tópico: Querem emagrecer???? Se controle então!!!!!!

Cristal 06/03/2006 21:49 A gente tem que *aprender a ter autocontrole*, pois sem isso a gente ã vai pra frente, pois será que vale à pena de embuchar de comida e depois sentir o estomago inflar que nem toda gorda? [. . .]! *Ter autocontrole é dizer* **NÃOOOOOOOOOOOOOOOO**, *eu* **NÃOOOOOOOOOOOOOOOO** *quero ser gorda, eu POSSO ficar sem isso, eu CONSIGO!!!! Se controlem!!!! Isso ninguém vai conseguir fazer por vcs, pois DEPENDE DE VCS!! E pa realizar isso nada melhor do que vcs se analisarem no dia a dia, vendo no que estão conseguindo melhorar e no que não. Vigilância!!! Eu luto todo o dia comigo mesma e to conseguindo. Se eu posso, vcs tb podem, depende de vcs! Ñ arraumem outros culpados, tipo a mãe, o namorado... pensem no que vale para vcs! (Grifos meus).*

Além disso, quando a *orkuteira* Cristal refere que *A gente tem que aprender a ter autocontrole* está salientando uma discussão importante de ser dita: que essas questões passam por uma aprendizagem. O autocontrole é algo a ser aprendido através de diferentes técnicas e práticas de si; se aprende, visando sempre a um objetivo definido, que nesse caso é o constante emagrecimento. A repetição do pronome pessoal eu, por sua vez, endereça à questão do quanto esse processo de aprendizagem envolvendo o emagrecimento é algo que depende da própria pessoa, de si mesma, conforme

acreditam. Ela diz: *eu NÃOOOOOOOOOOOOOOO quero ser gorda, eu POSSO ficar sem isso, eu CONSIGO!!!! Se controlem!!!!* Dentro disso, temos a questão de que ‘só é gordo quem quer’ – como tão bem nos é ensinado em diferentes instâncias sociais –, principalmente quando a internauta relata: *Issso ninguém vai conseguir fazer por vcs, pois DEPENDE DE VCS!!* Cabe destacar, ainda, a questão da análise, a qual pode ser conectada à idéia do exame sobre si mesma: *E pa realizar isso nada melhor do que vcs se analisarem no dia a dia, vendo no que estão conseguindo melhorar e no que não. Vigilância!!! Eu luto todo o dia comigo mesma e to conseguindo.*

A máxima de que é preciso “conhecer para governar” encontra aceitação também na *web*. Nesse espaço específico, *orkuteiras* (e *blogueiras*) buscam um melhor conhecimento sobre si, decifrando-se. O autocontrole, dentro das tecnologias do eu, atua para produzir os autocontroláveis sujeitos contemporâneos. Estratégia que não incide somente por meio de um controle que lhes é externo, enquanto “tecnologias de dominação”, mas que se ajusta às tecnologias do eu. O que vemos é a produção de um sujeito autocontrolável e, portanto, autogovernável. Assim, “tornam-se importantes as formas de conhecimento, só que desta vez, dirigidas ao conhecimento do próprio eu. Se para governar é preciso conhecer os indivíduos a serem governados, para auto-governar-se é necessário conhecer-se a si próprio.” (SILVA, 1995, p.192). Decorre daí, então, “o estímulo a técnicas de auto-conhecimento e a suas formas concretas, materiais, de expressão: diários, auto-exame, confissões, auto-avaliação...” (ibidem).

Tais questões corroboram o quanto a produção dos sujeitos ligada ao seu corpo não ocorre apenas por objetivações na cultura, mas, complementarmente, também por subjetivações – enquanto processos imbricados –, ou seja, pelos modos como os indivíduos se relacionam consigo, a partir dessas objetivações, que, enquanto fruto de discursos específicos, produzem e medeiam as relações que estabelecem consigo mesmos. Essa dimensão pode ser vista nos materiais analisados nesse estudo, por meio das práticas escritas, as quais nos mostram aplicações sobre si de certas relações com o saber e com o poder – exercendo sobre si determinadas ações –, produzindo-se no interior de redes discursivas.

A questão da aprendizagem está envolvida, portanto, nesses processos de *tornar-se* ‘magra’, ou mesmo *tornar-se* anoréxica ou bulímica. Nesse sentido, é importante referir que compreendo aprender como dotar a si mesmo de algo que lhe era estranho, externo; é fazer de algo, algo seu. Produzir-se enquanto

sujeito de determinado discurso – os que envolvem as normalizações corporais contemporâneas, por exemplo – é algo que passa por processos de aprendizagem, efetivados, nesse caso, por intermédio de práticas e técnicas de si. Como Gros (2004, p.620) afirma: “o sujeito se autoconstitui ajudando-se com técnicas de si, no lugar de ser constituído por técnicas de dominação (Poder) ou técnicas discursivas (Saber).” Daí a importância de tais técnicas, práticas e aprendizagens para a produção do que nós estamos sendo.

Desse modo, é produtivo pensar no ciberespaço analisado nesse estudo como um dispositivo pedagógico, compreendido no sentido proposto por Larrosa (1994, p.57): “Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo.” Relações travadas via *MSN, blogs, orkut*, conversas através de email, jogos eletrônicos, etc., podem ser consideradas práticas pedagógicas “sempre que esteja[m] orientado[s] à constituição ou à transformação da maneira pela qual as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas.” (ibidem). O que venho tratando, portando, são práticas de cuidado e controle corporal que, enquanto práticas pedagógicas, constroem e medeiam as relações que os sujeitos estabelecem consigo e anunciam mais do que práticas de liberdade, rigorosos submetimentos que ligam cada sujeito a imagens corporais normativas.

Cabe salientar, assim, que os objetos não são naturais, mas produtos de práticas (VEYNE, 1998). Logo, o que prevalece nas escritas analisadas de *orkuteiras* são aprendizagens que se dão tanto nesse ciberespaço como em demais espaços da esfera social, proporcionando que sujeitos voltem para si, a fim de se modificarem para alcançar determinados objetivos, (quase que) invariavelmente referentes à busca de emagrecimento e perfeição corporal. Para analisar as relações que os sujeitos estabelecem consigo a partir de imagens corporais, portanto, não basta ver o produto – determinado ‘corpo’, no caso –, mas analisar as práticas que os produzem, as quais são frutos de objetivações produzidas na cultura contemporânea. Daí a importância de tais técnicas, práticas e aprendizagens para a produção do que nós somos e, do mesmo modo, a importância de problematizá-las para desaprender o que a cultura nos convoca a nos tornarmos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n.24, p.110-123, julho 2004.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos** – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.07-76.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GROS, Frédéric. Situação do curso. In: FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.613-661.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p.35-86.

MARTINS, Jaqueline. **Tudo, menos ser gorda**: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 94f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.139-173.

_____. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 42-58.

SIBILIA, Paula. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n.25, p.68-84, dezembro 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p.190-207.

_____. **Teoria cultural e educação** – um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n.3, p.5-15, maio/jun/jul/ago 2003.

VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p.237-285.

WEINBERG, Cybelle; CORDÁS, Táki Athanássios. **Do altar às passarelas: da anorexia santa à anorexia nervosa**. São Paulo: Annablume, 2006.